



## **Os dirigentes das escolas municipais e a violência: uma comparação entre 2001/2005**

**Nº 2005 | 101**  
**Novembro - 2005**

Fernando Cavallieri - IPP/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro



**PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**  
**Secretaria Municipal de Urbanismo**  
Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos

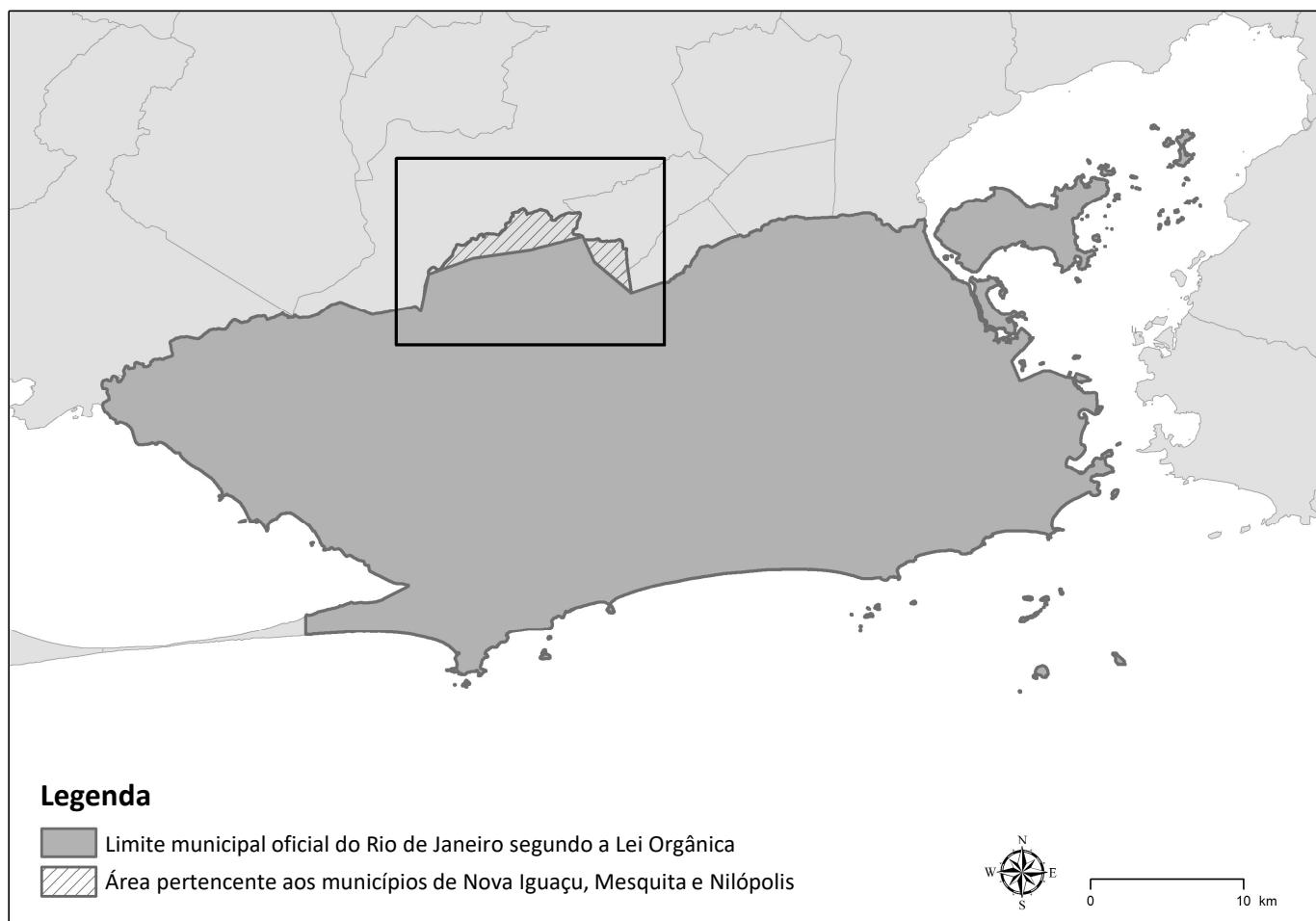
## ERRATA

A partir de reuniões técnicas realizadas entre o Instituto Pereira Passos e a Câmara Metropolitana (Governo do Estado do Rio de Janeiro), no âmbito do projeto para a confecção de um Mapa da Região Metropolitana, foi discutida a divergência existente na representação dos limites municipais de Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, Mesquita e Nilópolis.

Tal divergência, localizada na área do maciço do Mendanha, se dava pelo fato do Município do Rio de Janeiro produzir há décadas mapas que possuíam o traçado do limite municipal nesta área seguindo o divisor de águas, pela cumeada dos morros da região, limite este que assim como o restante da fronteira municipal segue acidentes geográficos como rios, canais etc.

Por sua vez, tanto o limite adotado pelo IBGE quanto aquele utilizado pela Fundação CEPERJ (Estado do Rio de Janeiro) seguem por linhas retas a partir dos picos dos morros, não condizendo com o que vinha sendo traçado pelo Município do Rio de Janeiro, porém de acordo com a descrição existente na Lei Orgânica do Município do Rio de Janeiro.

Desta forma, o Instituto Pereira Passos, **segundo o determinado na Lei Orgânica Municipal**, efetuou a revisão da representação cartográfica da fronteira municipal em questão, adequando-se assim ao já utilizado pelos órgãos federais e estaduais e solucionando quaisquer problemas ou questões advindas desta divergência entre os municípios supracitados.



## **EXPEDIENTE**

---

A **Coleção Estudos Cariocas** é uma publicação virtual de estudos e pesquisas sobre o Município do Rio de Janeiro, abrigada no portal de informações do Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos da Secretaria Municipal de Urbanismo da Prefeitura do Rio de Janeiro (IPP) : [www.armazemdedados.rio.rj.gov.br](http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br).

Seu objetivo é divulgar a produção de técnicos da Prefeitura sobre temas relacionados à cidade do Rio de Janeiro e à sua população. Está também aberta a colaboradores externos, desde que seus textos sejam aprovados pelo Conselho Editorial.

### **Periodicidade:**

A publicação não tem uma periodicidade determinada, pois depende da produção de textos por parte dos técnicos do IPP, de outros órgãos e de colaboradores.

### **Submissão dos artigos:**

Os artigos são submetidos ao Conselho Editorial, formado por profissionais do Município do Rio de Janeiro, que analisará a pertinência de sua publicação.

### **Conselho Editorial:**

Ana Paula Mendes de Miranda, Fabrício Leal de Oliveira, Fernando Cavallieri e Paula Serrano.

### **Coordenação Técnica:**

Cristina Siqueira e Renato Fialho Jr.

### **Apoio:**

Iamar Coutinho

CARIOCA – Da, ou pertencente ou relativo à cidade do Rio de Janeiro; do tupi, “casa do branco”. (Novo Dicionário Eletrônico Aurélio, versão 5.0)

## OS DIRIGENTES DAS ESCOLAS MUNICIPAIS E A VIOLÊNCIA: UMA COMPARAÇÃO ENTRE 2001/2005

---

*Fernando Cavallieri - IPP/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro*

No início desta e no da gestão passada, o Prefeito solicitou às diretoras e aos diretores das escolas municipais que avaliassem a violência interna em suas escolas, bem como a externa. Para isso, a Secretaria Municipal de Educação – SME pediu que atribuíssem uma nota à situação, em 2001 e em 2005, refletindo sua opinião sobre essas violências. Tais notas tinham que, obrigatoriamente, variar entre:

1 (um) - correspondendo à VIOLÊNCIA MÍNIMA e ;

10 (dez) – correspondendo à VIOLÊNCIA MÁXIMA.

Para que os leitores entendam bem os gráficos, tabelas, mapas e comentários elaborados pela SME e pelo IPP e a seguir apresentados, é importante esclarecer que a violência foi analisada pelas diretoras e diretores escolares por meio da quantificação da sua percepção. Em outras palavras, tudo o que se vai aqui mostrar diz respeito à opinião das diretoras e diretores sobre fenômenos reconhecidos normalmente como violência, cuja definição, por sua vez, depende da percepção de cada um.

A SME produziu um tipo de pesquisa qualitativa em que se fecham as opções de resposta (apenas notas, variando de 1 a 10), para se obter maior uniformidade nas avaliações subjetivas e, com isso, se ganhar solidez quantitativa nos resultados. Ou seja, restringe-se propositalmente a amplitude de análise, propondo-se aos pesquisados que graduem a intensidade do fato em estudo através de uma escala numérica simples e de fácil compreensão. A grande vantagem dessa técnica é que se obtêm resultados bastante expressivos da chamada “consciência média” do grupo informante.

Usando-se tal técnica de pesquisa, foi possível ouvir *todas as diretoras e diretores*. Tem-se, portanto, uma pesquisa de caráter censitário e não amostral. Além disso, é grande o número de diretoras e diretores: 1.020 em 1991 e 1.050 em 2000 responderam às pesquisas . A magnitude desse universo contribui para que se tenha, estatisticamente, uma diversidade de pontos de vista, dos quais se podem extrair, com segurança, tendências centrais de opinião.

O método usado atenuou, em muito, o nível de dispersão que uma multiplicidade de opiniões teria trazido à tona se as opções de resposta fossem abertas.

Ainda no campo metodológico, uma palavra se faz necessária quanto a pertinência das diretoras e diretores para informarem sobre as violências. Os responsáveis pelas unidades escolares da rede carioca municipal de ensino reúnem características que os qualificam como capazes de fornecer um quadro relevante sobre o assunto, entre as quais duas se ressaltam:

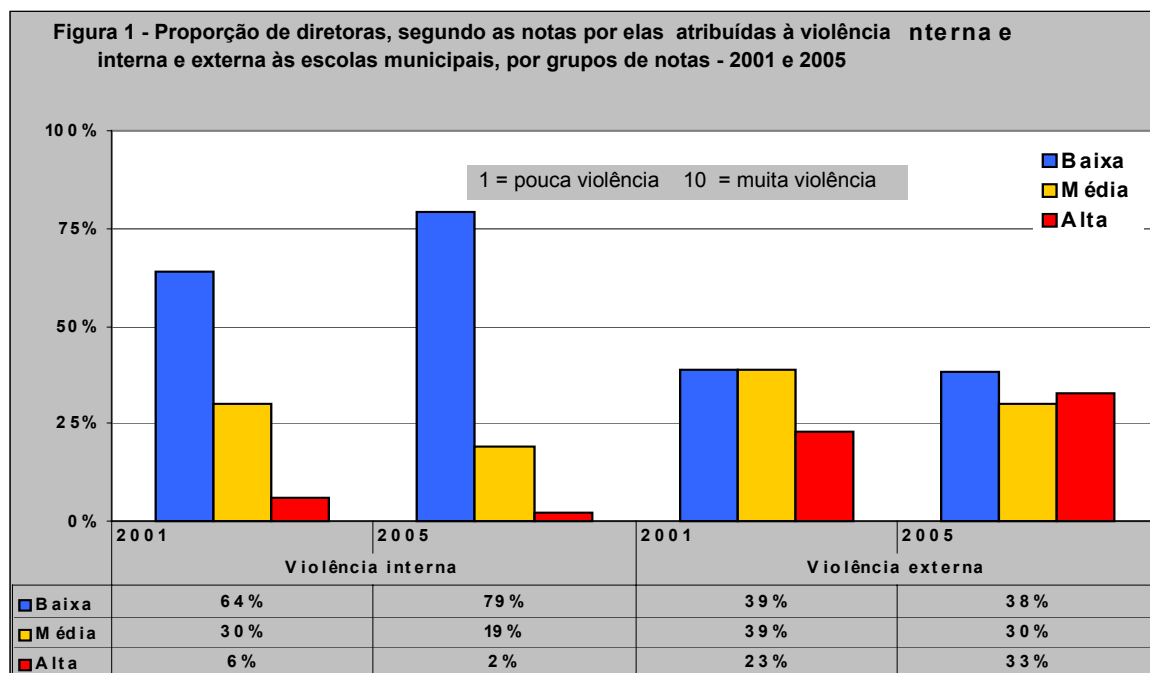
- ✓ trabalham muito próximo ao dia-a-dia de situações sociais envolvidas ou causadoras das violências, sendo obrigados a entrar em contato com elas e a elas “reagirem”, formando opiniões, convicções e conhecimentos a seu respeito;
- ✓ seus pontos de observação estão geograficamente espalhados por todo o território e todos os espaços da cidade, o que lhes garante uma visão ampla, variada e reveladora do fato social em questão.

A opinião desses servidores públicos é, portanto, uma percepção qualificada e importante no processo de construção do conhecimento sobre as violências que nos atormentam e na busca de caminhos para superá-las. Apresentar, de forma simples e comunicativa, suas expressões numéricas, a partir das pesquisas realizadas pela SME e tabuladas e comentadas pelo IPP, é o objetivo deste estudo.

### **Quadro geral - 2001/2005**

A Figura 1 apresenta os resultados das sondagens feitas em 2001 e, quatro anos depois, em 2005. Lembrando que as notas baixas indicam percepção de pouca violência pelas diretoras e diretores, e as notas altas, muita violência, foi feito o seguinte agrupamento das notas:

baixas – notas 1, 2 e 3;  
médias – notas 4,5,6 e 7;  
altas – notas 8, 9 e 10.



Fonte: SME (pesquisa direta com as diretoras de escola)

Analisando-se o quadro da violência interna, vê-se que, tanto em 2001 quanto em 2005, as notas baixas (64% e 79%) predominaram fortemente sobre as notas médias (30% e 19%) e as altas (6% e 2%).

Quanto à violência externa, observa-se um equilíbrio entre as notas baixas (39% e 38%), médias (39% e 30%) e altas (23% e 33%).

As notas dadas pelas diretoras e diretores escolares revelam visões diferentes quanto à “localização” da violência. Se ocorrida dentro da unidade escolar, ela é percebida pela maioria como de grau baixo. Se acontecida no ambiente externo, pode ser baixa, média ou alta.

A situação, no entanto, não permaneceu estática nos quatro anos decorridos entre 2001 e 2005. De modo geral, pode-se dizer que, na percepção dos informantes, a violência interna às escolas diminuiu e a externa aumentou.

De fato, fixando-se nos dois grupos extremos de notas (baixas e altas), nota-se que, no que se refere à violência interna houve um aumento de 15 pontos percentuais nas notas baixas e uma redução de 4 pontos nas notas altas, no período estudado. Em outras palavras, a proporção de diretoras e diretores que perceberam uma quantidade pequena de violência em suas unidades de ensino aumentou de 2001 para 2005.

O ambiente externo foi visto como mais suscetível ao aumento da violência. Não só as notas baixas caíram – embora apenas 1 ponto percentual – como também as altas cresceram 10 pontos percentuais. Isso significa que aumentou a proporção de diretoras e diretores que opinaram por um agravamento da violência no entorno de suas escolas.

## As notas das violências

A evolução no tempo pode ser vista também através das notas individualizadas. A Figura nº 2 mostra as notas dadas em cada ano e em cada ambiente. De sua análise, pode-se concluir que, se em 2001 as notas 1 e 2 obtiveram percentuais bem próximos (25% e 21%), em 2005 a nota relativa à menor violência (nota 1 = 54%) supera, em muito, a proporção relativa à (nota) segunda colocada (nota 2 = 14%). Além disso, confirmando o que se disse antes, houve um grande crescimento, entre 2001 e 2005, no número (de 258 para 562) e na proporção (de 25% para 54%) de diretoras e diretores de escolas que atribuíram o valor mais baixo para a violência interna.

No ambiente externo às escolas, não se observa um quadro tão nítido na avaliação. Embora a proporção da nota mínima tenha crescido entre 2001 e 2005 (de 12% para 22%), outras notas, indicadoras do aumento da violência, também cresceram: nota 8 – de 6% para 12%; nota 9 – de 5% para 7% e; nota 10 – de 12% para 14%. Ainda assim, em 2005, predominou a nota mínima para violência externa, conferida por 231 diretoras e diretores, correspondentes a 22% dos 1.050 entrevistados., conforme se vê na Figura nº2.

**Figura 2 - Número e proporção de diretoras e diretores, segundo as notas por elas atribuídas à violência interna e externa às escolas municipais - 2001 e 2005**

1 = pouca violência    10 = muita violência

Notas	Interna 2001		Interna 2005		Externa 2001		Externa 2005	
	Diretoras	%	Diretoras	%	Diretoras	%	Diretoras	%
1	258	25%	562	54%	126	12%	231	22%
2	215	21%	147	14%	108	11%	84	8%
3	184	18%	123	12%	162	16%	81	8%
4	138	14%	64	6%	107	10%	44	4%
5	53	5%	82	8%	63	6%	121	12%
6	82	8%	26	2%	159	16%	66	6%
7	28	3%	23	2%	64	6%	80	8%
8	18	2%	15	1%	63	6%	130	12%
9	7	1%	5	0%	50	5%	69	7%
10	37	4%	3	0%	118	12%	144	14%
Total	1020	100%	1050	100%	1020	100%	1050	100%

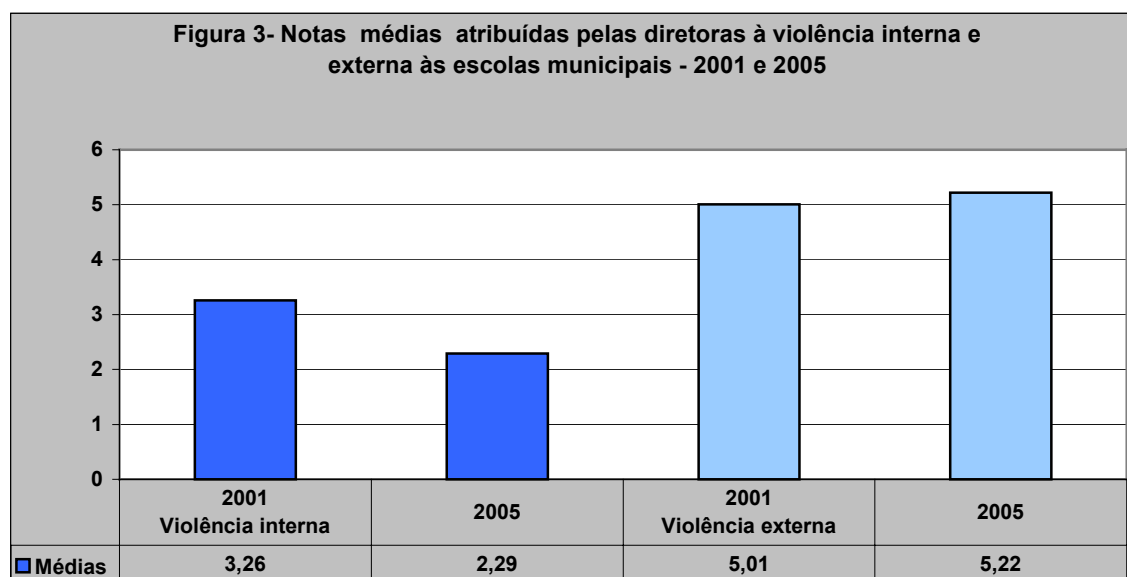
Fonte: SME (pesquisa direta com as diretoras de escola)

## Médias das notas

Até agora foram analisadas as notas atribuídas pelos responsáveis pelas escolas municipais, por meio da sua distribuição de freqüência. Procurou-se ver



quantas diretoras e quantos diretores deram tal e qual nota, e como essas notas variaram no tempo. É possível, no entanto, analisar a pesquisa como se houvesse uma única nota (para cada ano e para cada ambiente) que resumisse todo o conjunto de notas dadas. Esse valor único é a chamada nota média que, evidentemente, é uma grande simplificação dos resultados, com limitações de análise, mas que representa uma tendência do que pensam as pessoas pesquisadas.



Fonte: SME (pesquisa direta com as diretoras de escola)

A Figura 3 mostra as notas médias em cada uma das quatro situações em estudo. Seguindo o raciocínio anterior, pode-se afirmar que, *em média*, a percepção da violência interna foi baixa em 2001 (nota média = 3,26) e diminuiu ainda mais em 2005 (nota média = 2,29). Tal diminuição representou uma queda de 30%.

As notas médias da violência externa foram sempre superiores às da interna, nos dois anos analisados. As diretoras e os diretores consideraram a violência externa um problema de proporções médias. Contudo, houve um ligeiro aumento, em torno de 4%, entre 2001 e 2005.

## A geografia das CRE

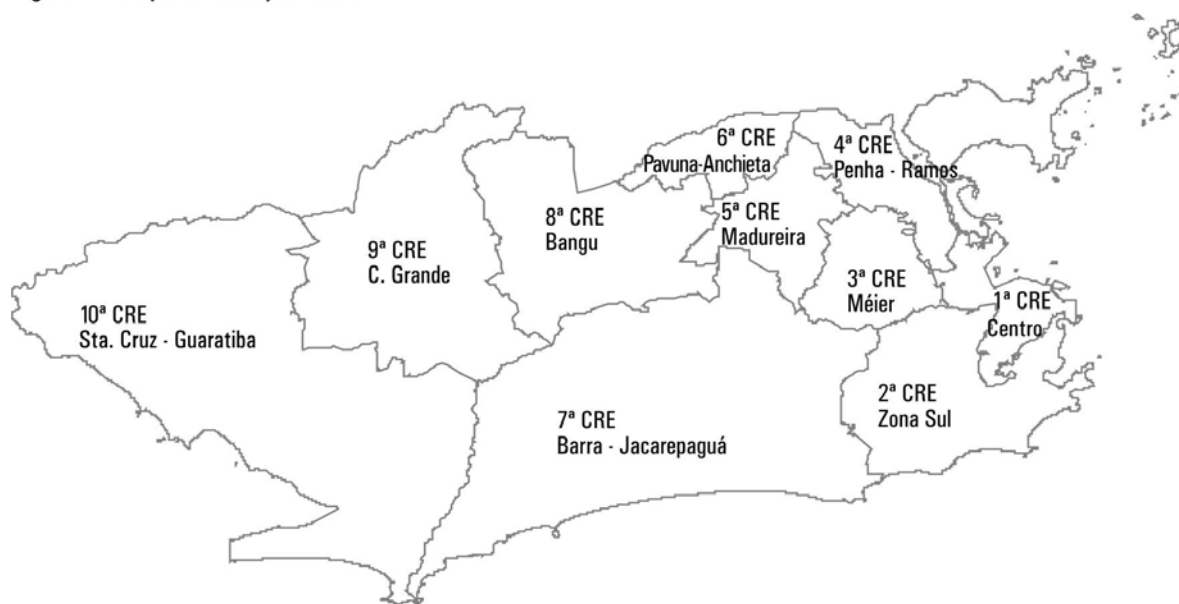
A Secretaria Municipal de Educação, para melhor atender à população e cumprir sua missão institucional, trabalha descentralizada em dez Coordenadorias Regionais de Educação – CRE. Tais Coordenadorias abrigam bairros da cidade que guardam,



dada a sua proximidade física, características socioeconômicas similares e podem estar sujeitos a incidências semelhantes de violência.

O mapa da Figura 4 mostra a divisão do Município do Rio de Janeiro nas dez CRE, indicando os principais bairros que as compõem. Esse mapa ajudará a verificar como a percepção da violência pelas diretoras e diretores de escola se distribuiu ao longo do espaço urbano, considerando que é possível que a localização da escola influencie nos graus de violências que as afetam.

Figura 4 - Mapa de situação das CRE



Fonte: SME (pesquisa direta com as diretoras de escola)

As regiões de trabalho da SME representam bem a cartografia social da cidade:

- 1ª CRE – os históricos bairros do Centro, Zona Portuária e São Cristóvão e as áreas residenciais de Rio Comprido e Santa Teresa;
- 2ª CRE – os bairros da Zona Sul tradicional, Tijuca e Vila Isabel;
- 3ª CRE – os bairros da Zona Norte que se concentram em torno do Méier e Inhaúma;
- 4ª CRE – os bairros servidos pela Estrada de Ferro Leopoldina, como Penha e Ramos, acompanhados da Ilha do Governador e da região da Maré;
- 5ª CRE – formada por Madureira e Irajá;
- 6ª CRE – a porção nordeste do território, onde se localizam as regiões de Anchieta, Pavuna e Vigário Geral;

- 7ª CRE – a Baixada de Jacarepaguá compreendida pelos bairros da Barra da Tijuca e de Jacarepaguá;
- 8ª CRE – os primeiros bairros da chamada Zona Oeste: Bangu, Padre Miguel, Realengo, Deodoro etc.;
- 9ª CRE – no coração da Zona Oeste, Campo Grande e sua região de influência;
- 10ª CRE – Santa Cruz, Guaratiba e Sepetiba, imenso território no extremo ocidental da cidade.

### Violência interna em 2005, por CRE

A tabela da Figura 5 apresenta as notas médias da violência interna obtidas por cada CRE, em 2005, ordenadas da melhor para a pior.

**Figura 5- Notas médias atribuídas pelas diretoras e diretores à violência interna às escolas municipais, por CRE - 2001 e 2005**

1 = pouca violência 10 = muita violência

CRE	Notas médias
	Violência interna 2005
6ª CRE	1,42
5ª CRE	1,88
1ª CRE	1,98
8ª CRE	2,19
7ª CRE	2,40
3ª CRE	2,44
4ª CRE	2,46
9ª CRE	2,51
10ª CRE	2,56
2ª CRE	2,63

Fonte: SME (pesquisa direta com as diretoras de escola)

Em 2005, na visão das diretoras e diretores, as notas médias da violência interna foram baixas em todas as dez CRE. A pior delas atingiu apenas 2,63 pontos na 2ª CRE, que corresponde às escolas situadas na Zona Sul. A melhor nota média – 1,42 – foi obtida pela 6ª CRE, que cobre as regiões de Pavuna e Anchieta.

Embora a diferença entre a menor e a maior nota média não seja muito grande (1,21 pontos), observa-se que três CRE obtiveram média abaixo de 2, quatro, entre 2 e

2,5 e três acima de 2,5. A situação de menor violência interna, em 2005, foi percebida na 6ª CRE (Pavuna e Anchieta), seguida da 5ª CRE (Madureira) e da 1ª CRE (Centro).

As notas de violência interna mais alta foram dadas pelas diretoras e diretores das escolas situadas em extremos geográficos e econômicos da cidade: 9ª CRE (Campo Grande) e 10ª CRE (Santa Cruz/Guaratiba), de um lado, e 2ª CRE (Zona Sul), de outro.

Numa posição intermediária, variando de 2,19 a 2,46, estão as regiões de Bangu (8ª CRE), Barra e Jacarepaguá (7ª CRE), Méier (3ª CRE) e Leopoldina/Ilha (4ª CRE).

### **Violência externa em 2005, por CRE**

Em 2005, na visão das diretoras e diretores, as notas dadas à violência externa não foram baixas em todas as CRE. A pior delas atingiu 6,84 na 3ª CRE, que corresponde à região do Méier. A melhor nota média – 3,57 (baixa violência) – foi obtida pela 9ª CRE, que cobre a região de Campo Grande, seguida da 7ª CRE, com 3,85 (Barra e Jacarepaguá). Ainda com baixa avaliação externa, seguem-se as 5ª CRE (Madureira), com 4,48, e 10ª CRE (Santa Cruz/Guaratiba), com 4,99. Numa situação intermediária, encontram-se três CRE, todas com médias em torno de 5 pontos: 2ª CRE (Zona Sul), 1ª CRE (Centro/Portuária) e 8ª CRE (Bangu).

O quadro da violência externa mostrou-se preocupante aos olhos das diretoras e diretores, sobretudo em três CRE 4ª (Penha/Ramos/Ilha do Governador); 6ª (Pavuna/Anchieta) e 3ª (Méier). Nessas regiões da cidade, as notas atribuídas superaram, *em média*, os 6 pontos, numa escala de 1 (violência mínima) a 10 (violência máxima). Por ser uma média das notas dadas por todos os responsáveis pelas escolas dessas regiões, a nota 6 representa uma avaliação bastante negativa quanto à violência externa em 2005.

Comparando-se as notas de 2005 das violências interna e externa, CRE a CRE, conclui-se que a situação interna sempre foi melhor avaliada do que a externa. Em outras palavras, a nota da violência interna em qualquer CRE sempre foi menor do que a da externa. Apresentando a mesma idéia em números: a pior situação da violência interna em 2005 foi designada por uma nota média 2,63 (2ª CRE) e a melhor situação relativa à violência externa correspondeu a uma nota média 3,57 (9ª CRE). Em termos proporcionais, pode-se dizer que o pior caso de violência externa (3ª CRE) foi quase 5 vezes maior do que o melhor caso de violência interna (6ª CRE): 6,84 versus 1,42.

## Dentro e fora das escolas – discrepâncias e concordâncias

A comparação das avaliações das notas médias da violência interna e da violência externa, por CRE, mostra uma situação, muitas vezes discrepante. Isso demonstra que nem sempre o ambiente externo “contamina” o interno na representação subjetiva dos respondentes da pesquisa ou vice-versa.

Comparando-se as tabelas das Figuras 5 e 6, vê-se que as maiores discrepâncias ocorreram na 6ª e na 9ª CRE. Na 6ª CRE (Pavuna/Anchieta), as diretoras e diretores de escola fizeram a melhor avaliação média da violência interna e a segunda pior da violência externa. Já na 9ª CRE (Campo Grande), inverteu-se a situação: a terceira pior avaliação média da violência interna e a melhor da violência externa.

**Figura 6 - Notas médias atribuídas pelas diretoras e diretores à violência externa às escolas municipais, por CRE - 2001 e 2005**

1 = pouca violência 10 = muita violência

CRE	Notas médias
	Violência externa 2005
9ª CRE	3,57
7ª CRE	3,85
5ª CRE	4,48
10ª CRE	4,99
2ª CRE	5,20
1ª CRE	5,25
8ª CRE	5,64
4ª CRE	6,13
6ª CRE	6,26
3ª CRE	6,84

Fonte: SME (pesquisa direta com as diretoras de escola)

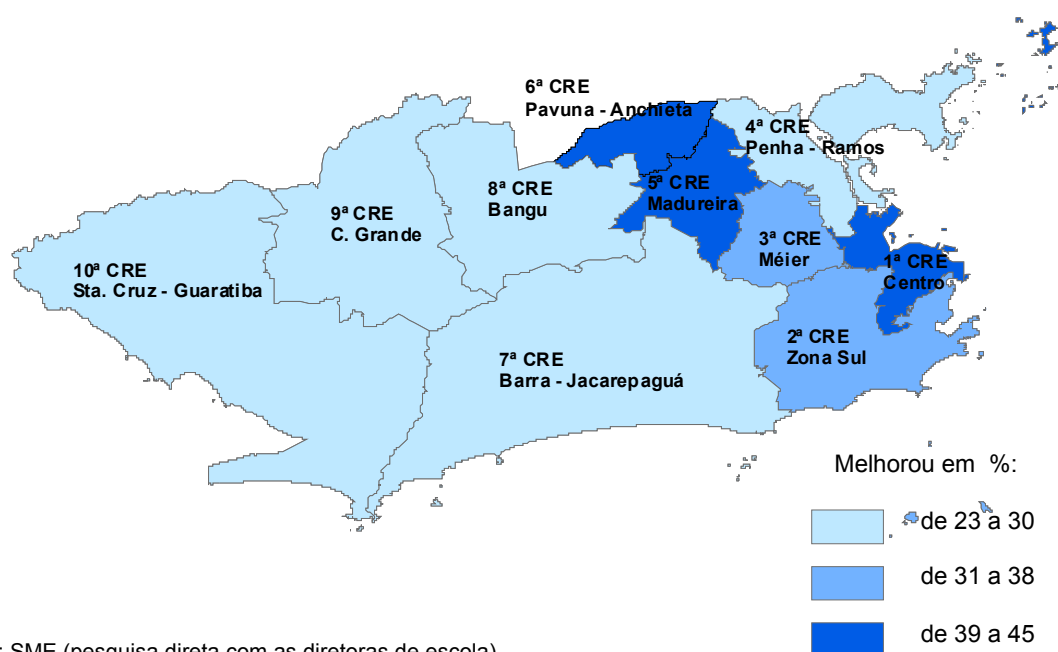
Houve também concordância de opiniões. Entre todas as CRE, as melhores opiniões, tanto em relação ao ambiente interno quanto ao externo, se concentraram na área de Madureira e bairros vizinhos, correspondentes à 5ª CRE. Nessa região, a violência interna obteve a segunda melhor média e a externa a terceira melhor.

## Varição 2001-2005 da violência interna, por CRE

Como se disse ao comentar a Figura 3, na cidade como um todo houve uma queda de 30% nas médias atribuídas pelas diretoras e diretores à violência interna em suas escolas. Tais médias também caíram em todas as dez CRE, porém, em proporções variadas.

Para se estudar essas diminuições, elaborou-se o mapa da Figura 7, em que as CRE aparecem agrupadas em três classes, conforme o percentual de melhoria na percepção desse tipo de violência: de 23% a 30%; de 31% a 38% e; de 39% a 45%.

Figura 7 - Variação % da nota média da violência interna (2001 – 2005), por CRE



Fonte: SME (pesquisa direta com as diretoras de escola)

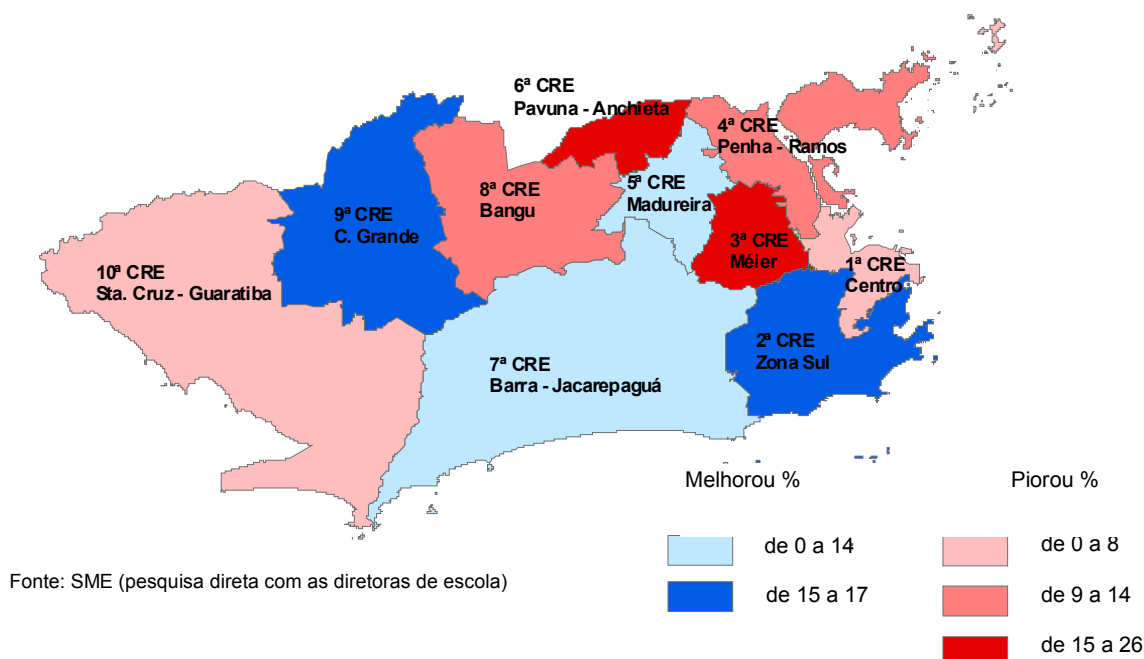
A maior incidência de melhora nas médias em estudo ocorreu nas escolas das áreas de Pavuna/Anchieta (6ª CRE), Madureira (5ª CRE) e Centro (1ª CRE). As diretoras e diretores de todas essas CRE consideraram que a violência interna, *em média*, caiu, de 2001 para 2005, de 39% a 45%. Na área da 2ª e 3ª CRE (Zona Sul e Méier, respectivamente), as notas melhoraram entre 31% a 38%. Na Penha/Ramos/Ilha do Governador (4ª CRE), Barra da Tijuca/Jacarepaguá (7ª CRE), Santa Cruz/Guaratiba (10ª CRE), Campo Grande (9ª CRE) e Bangu (8ª CRE) houve a menor queda das notas. Ou seja, os respondentes deram, em 2005, notas para a violência interna entre 23% e 30% menores do que as dadas em 2001 para o mesmo fenômeno.

## Varição 2001-2005 da violência externa, por CRE

O Mapa da violência externa, constante da Figura 8, mostra situação diversa da anterior.

As notas médias dadas à situação de violência externa às escolas subiu 4%, quando comparados os resultados das pesquisas de 2001 e de 2005. Nem todas as CRE, no entanto, apresentaram resultados negativos como este observado para o conjunto de todas as escolas.

Figura 8 - Variação % da nota média da violência externa (2001 – 2005), por CRE



Duas CRE (9ª – Campo Grande e 2ª – Zona Sul) registraram melhoria de 15% a 17% em suas notas médias de violência externa. Duas outras CRE, (7ª – Barra da Tijuca/Jacarepaguá e 5ª Madureira), também melhoraram, porém em níveis mais baixos: no máximo, 14%.

Em todas as demais seis CRE, as médias subiram um pouco, ou seja, houve percepção de que a violência externa aumentou. Nas 3ª e 6ª CRE (Pavuna/Anchieta e Méier) ocorreu a pior situação, uma vez que as notas médias aumentaram entre 15% e 26%. Seguem-se as 4ª CRE – Penha/Ramos/Ilha e 8ª CRE – Bangu, com aumento entre 9% e 14% e, finalmente, 1ª CRE – Centro e 10ª CRE – Santa Cruz e Guaratiba, com aumento de, no máximo, 8%.